

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Elisiane Medianeira Moro Tolio¹

Cleonice Terezinha Fernandes (In Memoriam)²

Fabrcio Bruno Cardoso³

Resumo

Nas últimas décadas mudanças sociais nos hábitos das pessoas sob influência da tecnologia têm levado pesquisadores a tentar preservar a saúde da população que adotou hábitos tão sedentários. Esta pesquisa trata-se de uma Revisão Sistemática (RS) cujo objetivo é conhecer o estado da arte da Educação em Saúde em ambientes escolares, preferencialmente ligados à Educação Física. A RS é um processo metodológico que sintetiza resultados de estudos sobre um tema e é considerada um estudo observacional primário. A revisão teve como critérios de inclusão: estudos produzidos no Brasil, em Língua Portuguesa, em um arco temporal de 2015 a 2019, no campo das ciências humanas e sociais; e critérios de exclusão: estudos bibliográficos; que discutem temas genéricos em saúde (conceitos, políticas, programas); sem aplicação na escola (PSF, clínicas, universidades, etc). Descritores usados: educação em saúde, educação física e ensino; quando vinte (20) estudos compuseram o corpus de análise. Observou-se, que a maioria são produzidos por profissionais de outras áreas da saúde, geralmente externos às escolas, que não da EF, cujas atividades práticas ainda são vistas na concepção higienista. Conclui-se que as ações de promoção da saúde no ambiente escolar poderiam apresentar resultados mais abrangentes e efetivos se houvesse uma melhor preparação dos professores – preferencialmente vinculados à escola pesquisada, assim conhecedores dela, com uma concepção mais integrada e holística em educação e saúde.

Palavras-chave: Ensino; Transversalidade; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

In the last decades have been major social changes in the habits of people under the influence of technology had led researchers to try to preserve the health of the population that has adopted habits so sedentary. This research is a Systematic Review (SR) whose objective is to know the state of the art of Health Education in school environments, preferably linked to Physical Education. SR is a methodological process that synthesizes results of studies on a topic and is considered a primary observational study. The review was carried out in three databases: Lilacs, Redalyc and Scielo and had as inclusion criteria: studies produced in Brazil, in Portuguese, in a time span from 2015 to 2019, in the field of human and social sciences; and exclusion criteria: bibliographic studies; who discuss generic health topics (concepts, policies, programs); without application at school (PSF, clinics, universities, etc.). Descriptors used: health education, physical education and teaching; when twenty (20) studies made up the corpus of analysis. It was observed that the majority are produced by professionals from other areas of health, generally external to schools, other than PE, whose practical activities are still seen in the hygienist conception. It is concluded that health promotion actions in the school environment could present more comprehensive and effective results if there was a better preparation of teachers - preferably linked to the researched school, so they know it, with a more integrated and holistic concept in education and health

Keywords: Teaching; Transversality; Interdisciplinarity.

¹ Departamento de Educação Física, docente no Centro Universitário do Vale do Araguaia – Univar. Barra do Garças – MT.

E-mail para contato: elisiane.tolio@hotmail.com

² Universidade de Cuiabá – Unic - Cuiabá

³ Faculdade São Fidélis\CENSUPEG. RJ. Brasil

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, verificou-se grandes mudanças no estilo de vida das pessoas devido as influências da tecnologia; gerando adoção de hábitos sedentários que tem afetado a qualidade de vida e elevado os índices de doenças hipocinéticas.

Como preservar a saúde nestas condições? Verifica-se que a maioria dos estudos estão focados na lógica da doença, nos sintomas, no funcionamento dos órgãos e sistemas orgânicos e na medicalização e não na lógica da saúde que levaria em consideração a qualidade de vida, o desenvolvimento máximo de potencialidades como: viver, sentir ou amar, trabalhar, produzindo bens, serviços, ciência ou artes, os valores não materiais, a satisfação das necessidades mais elementares da vida humana, conforto bem estar individual e coletivo, movimento, expressão, autonomia, espaço social de vivência, cultura, entre outros.

Neste contexto optou-se por realizar uma Revisão Sistemática (RS) afim de compor um fiel panorama da temática na escola considerando que, dado o volume de pesquisas atuais, boas RS se fazem necessárias para economizar tempo dos pesquisadores e possíveis investidas em caminhos tortuosos, ineficientes e desnecessários.

A educação e a saúde são,

reconhecidamente, espaços de aplicação e produção de saberes em prol do desenvolvimento humano, assim, a partir do estabelecimento da obrigatoriedade do desenvolvimento dos programas de saúde, em 1971, o tema saúde passou a ser contemplado nos currículos escolares brasileiros, no sentido de contribuir para que os estudantes adquiram autonomia para preservar e melhorar a sua qualidade de vida.

A Carta de Ottawan (1986), aponta a promoção da Saúde como uma capacitação e de fortalecimento das populações para melhorar suas condições de saúde, aumentar o seu controle sobre as mesmas e melhorar os fatores determinantes e condicionantes da saúde. Desse forma, o ser humano seria capaz de lidar com com as enfermidades e restrições, em todas as etapas de vida, de forma particular e coletiva.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), concebe desde 1947, a saúde não apenas como a ausência de doença no organismo, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social do sujeito e define Educação em Saúde como o processo baseado em regras científicas que utiliza oportunidades educacionais programadas por forma a capacitar os indivíduos, agindo isoladamente, ou em conjunto, para tomarem decisões fundamentais sobre assuntos relacionados com a saúde (OMS, 1990).

Todavia vale ressaltar uma divergência importante desta premissa da Organização Mundial de Saúde (OMS), trazida por Canguilhem (2009) e Bezerra Jr.(2012); muito embora fosse uma definição até avançada para a época em que foi realizada, no pós Segunda Guerra Mundial, já era denunciada como irreal, ultrapassada e unilateral desde os anos 70 (BEZERRA Jr, 2012; DONNANGELO, 1979; SEGRE e FERRAZ, 1997).

A discussão dos estudiosos é relativa ao fato de que se trata de uma definição irreal por aludir ao "perfeito bem-estar", o que coloca uma utopia que leva ao questionamento do que seja o perfeito bem-estar e se realmente é possível caracterizar-se a "perfeição" (SEGRE e FERRAZ, 1997). Outro argumento é de que a mesma traz ainda uma visão fragmentada em físico, mental e social.

Bezerra Jr (2012) ao questionar essa definição da OMS propõe uma questão pertinente acerca de: “não ter sintomas significa não estar doente?”; e então acrescenta uma reflexão sobre a definição de normal e patológico de Canguilhem⁴ (2009) publicada pela primeira vez em 1943, cuja principal tese é de que a vida não pode ser reduzida à análises e decomposições métricas,

lógicas, estatísticas e matemáticas, referindo-se assim ao que se reduziram as parametrizações de saúde atuais ou seja, é preciso partir do próprio ser vivo e sua subjetividade para compreender a vida.

A reflexão proposta por Bezerra Jr (2012) propõe sobre a referida ideia de Canguilhem (2009) que ser\estar saudável não é exatamente não ter doenças, mas sim poder passar, na condição de seres vivos, pela própria doença, pelo sofrimento e conflitos inerentes à vida, e ter a força de se recuperar. Afirma que ser saudável é ser capaz de exercer a potência que todo ser vivo tem, mantendo a sua vida, sua subjetividade e se reproduzir, caso deseje (BEZERRA Jr, 2012). Dentro deste contexto e suas salutare divergências, e com o propósito de promover a saúde escolar, foi instituído em 2007 o Programa Saúde na Escola (PSE), que se apresenta com a perspectiva de prevenção, promoção e atenção à saúde de estudantes da educação básica pública brasileira, no espaço das escolas e/ou das unidades básicas de saúde, realizada por equipes multidisciplinares (BRASIL, 2009, p.12), incluindo os profissionais de Educação Física, o que estimulou os vínculos entre órgãos públicos da saúde e aqueles da educação.

Nessa ótica, a escola passa a ser parceira

⁴ Filósofo e médico francês que viveu quase todo século XX – 1904\1995, discípulo de Bachelard e orientador de

Michel Foucault, com uma notável influência na formação deste.

em ações de enfrentamento aos riscos do desenvolvimento de crianças e jovens e não somente um espaço para desenvolver temáticas de saúde, visto que, “existe um consenso de que bons níveis de educação estão relacionados com uma população mais saudável, assim como uma população saudável tem maiores possibilidades de se apropriar de conhecimentos da educação, formal e informal” (CASIMIRO; FONSECA; SECCO, 2014, p.168). Acrescentamos que isto torna-se um círculo virtuoso.

É importante ressaltar que, por meio do diálogo entre saúde e educação, é também valorizada a função social da escola, de formar para a cidadania participativa, sem no entanto, transferir para a escola a responsabilidade de acompanhar ou zelar pela saúde dos estudantes, ações de responsabilidade da família e da saúde pública também.

Uma das principais ações adotadas para alcançar esse propósito é o incentivo à vivência de atividades físicas. Entretanto, essas práticas vêm sendo tomadas destituídas de significado, por meio de movimentos mecânicos e desumanizados de tal forma que passaram a ser vistas como um meio para se alcançar determinados interesses médicos, políticos e econômicos, sem um contexto didático pedagógico.

Durante a fase escolar convencional do Ensino Fundamental, para aqueles que estão no

tempo padronizado, decorrem a maioria dos desenvolvimentos físicos, motores e cognitivos, assim, os valores aprendidos pela criança, na escola, são decisivos na construção de hábitos e atitudes.

Nesse contexto, Bracht (1992), comenta que o professor é um veiculador de valores, um formador de opinião, um influenciador, então, cabe à escola e ao professor promover a socialização e um trabalho que pontue situações nas quais o aluno possa distinguir o certo do errado, “é nesse sentido que reside a vinculação da forma de ensino com seu conteúdo.” (BRACHT, 1992, p. 74).

Nos PCNs, o tema saúde era apresentado como um Tema Transversal, nos quais aponta que não se faz necessária a existência de um professor especialista, mas que o trabalho pedagógico tenha como enfoque principal a saúde e não a doença, ou seja, pertinente a todas as áreas do conhecimento, e acrescenta que as relações entre EF e saúde são quase que “imediatas e automáticas ao considerar-se a proximidade dos objetos de conhecimento envolvidos e relevantes em ambas as abordagens” (BRASIL, 1998, p.34), assim, esse componente curricular, torna-se um dos importantes elementos para desenvolver esse tema.

Mais recentemente, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2017), substituta dos PCNs (1998), continua trazendo o

tema saúde como Temas Contemporâneos Transversais assim como já preconizavam os PCNs; e propõe para as aulas de Educação Física, os seis temáticos - brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e as práticas corporais de aventura, que ainda não constavam nos PCNs (BRASIL, 1998). Na BNCC a boa saúde está fortemente atrelada à prática de atividades físicas, como se destaca em algumas metas para os anos finais do Ensino Fundamental na disciplina de EF que sugerem que as práticas corporais ampliam a socialização e estabelecem relações nos processos de saúde/doença.

Nesse sentido, a relação entre saúde e doença é uma escolha individual e comportamental, aproximando-se mais dos aspectos biológicos da relação saúde/doença, sem considerar a dinamicidade e multiplicidade de fatores envolvidos nesse processo, conforme já mencionada à crítica à OMS.

Nesse contexto, a Educação Física (EF) na escola, desde seus primeiros relatos históricos, foi influenciada pela concepção médico higienista⁵, com a responsabilidade de buscar uma sociedade

saudável por meio da disseminação da atividade física, cuidados corporais e ginástica, considerados hábitos higiênicos, o que possibilitou a primeira aproximação entre a EF e à saúde, contudo, centrada nos aspectos biomédicos.

Atualmente, e depois de muitas mudanças nas concepções de ensino, há um vasto leque de atuação para os profissionais de Educação Física como academias, parques públicos, *personal training*, escolas, centros de reabilitação, centros de treinamento desportivo, entre outros e, mais recentemente, foram incorporados também como profissionais da saúde, em programas de saúde.

Inclusive, a Portaria nº 639, de 31 de março de 2020, em seu Art. 1º institui a Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo – Profissionais da Saúde”, com objetivo de criar um cadastro geral de profissionais da área da saúde habilitados para atuar em território nacional e proporcionar capacitação aos mesmos nos protocolos clínicos do Ministério da Saúde para o enfrentamento da Covid-19⁶ e, no parágrafo 1º, indica na alínea IV, os profissionais de Educação Física.

⁵ A tendência pedagógica de Educação Física escolar conhecida como “higienista” foi delineada de modo significativo a partir do final do séc XIX. No Brasil, o crescimento das cidades, baixo nível de saneamento básico e a falta de políticas de saúde levou ao aumento de epidemias. Para Caparroz (2005), no caso específico da Educação Física escolar, emergia a noção de intervenção que serviria “[...] para imprimir a idéia liberal, de que a

saúde, o bem-estar físico, o desenvolvimento do corpo forte, higiênico, é responsabilidade individual e não consequência das condições sociais determinadas pela estrutura econômica, política e social.” (CAPARROZ, 2005, p. 121).

⁶ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 11 de março de 2020, situação de pandemia pelo novo Coronavírus 2019 (COVID-19) que é uma doença infecciosa causada por um novo vírus, de uma grande família viral,

Nesse sentido, também são travadas muitas discussões a respeito das fragilidades da formação inicial desses profissionais; em relação a ela Coutinho (2015) aponta que ainda está muito centrada na dimensão biológica, pautada nos padrões da indústria do consumo, lazer, beleza e estética, fugindo da própria saúde como foco, cuja dimensão holística adotada neste estudo, já apontamos anteriormente.

Lamb (2007) comenta que para garantir a fundamentação necessária à intervenção dos profissionais no campo da saúde pública e da coletiva, os aspectos pedagógicos, biológicos e sociais, devem fazer parte da formação mas ressalta que “a formação acadêmica em Educação Física, ainda se encontra fortemente centrada nas atividades recreativas, no plano terapêutico, na corporeidade e nas atividades físicas e desportivas, não contemplando adequadamente as necessidades de conhecimentos teórico-práticos voltados para atuação na área da saúde pública” (LAMB, 2007, p. 168).

A partir da compreensão de que hábitos saudáveis e preventivos são situações passíveis de serem educadas e construídas, no presente estudo, as atividades físicas devem ser encaradas para

além da eficácia dos resultados ou dos indicadores de saúde, também devem ser qualificadas enquanto componente cultural humanizador, que traga satisfação e sentidos positivos às vivências de forma que possam contribuir para o desenvolvimento de atitudes positivas e contínuas, além de serem um novo caminho para a Educação Física escolar.

Mediante o exposto, o objetivo do estudo foi compreender a saúde em uma concepção pedagógica e conhecer o Estado da Arte da temática em tela, por meio de uma revisão sistemática de trabalhos desenvolvidos na área da saúde realizados em escolas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O método da RS, já justificado anteriormente, tem sido utilizado a fim de traçar um panorama da área e também mostrar as lacunas, mostrando que questões carecem de investigação (LEITÃO e FERNANDES, 2011), como é o caso da presente temática: educação em saúde na escola sob o protagonismo da Educação Física.

2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

conhecida desde meados de 1960, que causa infecções respiratórias em seres humanos e em animais (Ministério da Saúde, 2020). Causa problemas semelhantes à gripe e

sintomas como tosse, febre e, em casos mais graves, dificuldade para respirar.

Os critérios de inclusão adotados foram: Artigos produzidos no Brasil, em Português; Arco temporal de 2015 a 2019; Abrangendo os campos das ciências humanas e sociais. Enquanto que, os critérios de exclusão foram: Estudos exclusivamente bibliográficos; que discutem temas genéricos em saúde (conceitos, políticas, programas e campanhas pontuais); outras áreas curriculares (inclusão, currículo, gestão, formação, estágios, capacitação, atuação do profissional em saúde); e Estudos não aplicados na rede escolar (vinculados a PSF, clínicas, universidades, etc).

2.2 FONTES DOS ESTUDOS

A presente RS de base qualitativa, foi realizada nos meses de fevereiro e março de 2020, em três bases de dados eletrônicas: Lilacs, Redalyc e Scielo, tendo como questão norteadora “que pesquisas têm sido produzidos no âmbito da Educação Física (EF) escolar, com ênfase na educação em saúde?”, tendo como descritores:

“educação em saúde”, “Educação Física” e “ensino”.

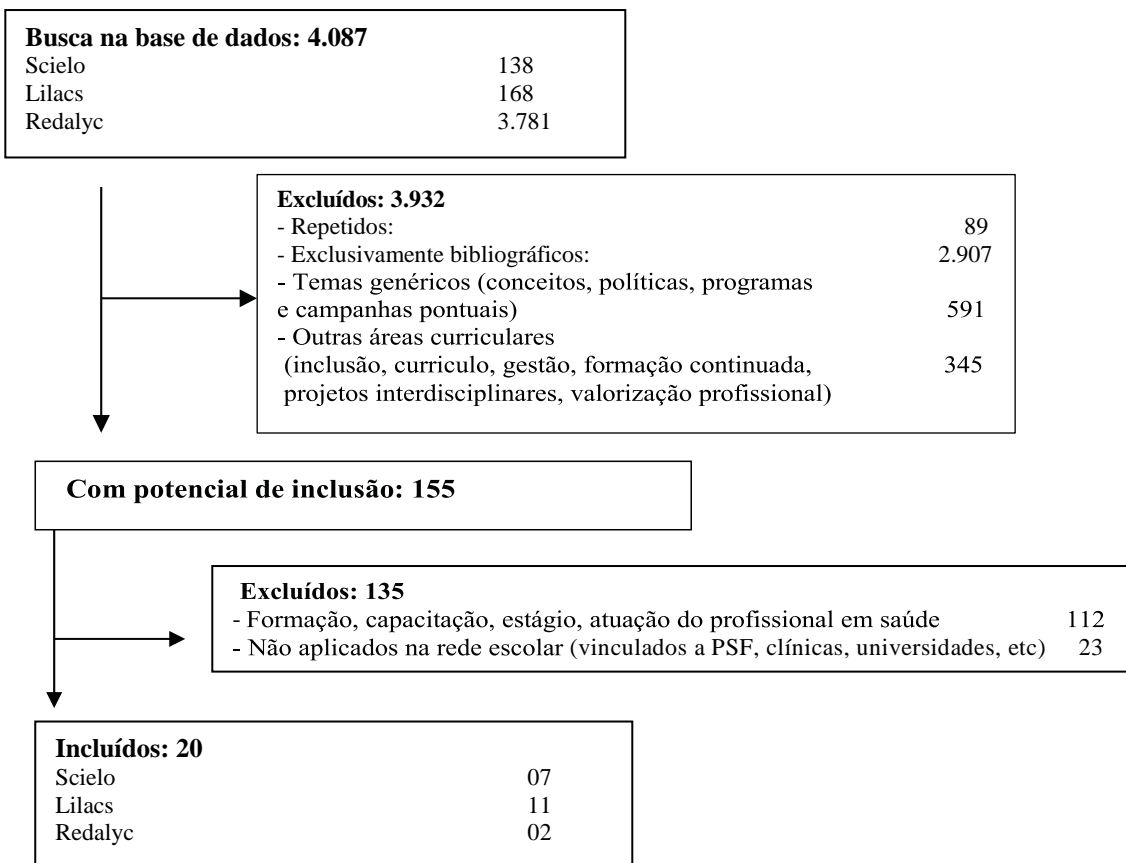
2.3 SELEÇÃO DOS ESTUDOS

A análise consistiu na leitura integral do estudo a partir de três categorias analíticas: (i) como são realizadas as práticas educativas em saúde nas escolas; (ii) que concepções os professores da educação básica têm em relação a saúde na escola; (iii) que trabalhos em educação em saúde têm sido realizados na educação física escolar.

Como etapa final fez uso da técnica de análise temática de conteúdo por meio da leitura e releitura dos resultados dos estudos, procurando identificar aspectos relevantes e elaboramos uma síntese interpretativa do diálogo entre as ideias problematizadas e o objetivo de estudo.

Ao final da busca foram incluídos 20 (vinte) estudos, conforme o fluxograma da busca apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Fluxograma da seleção dos estudos.



Fonte: Dados da pesquisa

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam que a inserção do professor de Educação Física no campo da saúde, embora tenha sido tardia e ainda ínfima, pode contribuir positivamente nas equipes multidisciplinares e na renovação da concepção de promoção da saúde, o que pode ser considerado

um avanço, apesar de alguns ainda focarem nos aspectos biomédicos no sentido de atuarem no combate a doenças já instaladas, demonstrando que estes saberes científicos da Educação Física são ainda pouco aplicados na prática, em prol da saúde dos estudantes.

Verificou-se que a maioria dos trabalhos selecionados para esta RS, foram desenvolvidos

por residentes e outros profissionais da saúde como enfermeiros, terapeutas, odontólogos, fisioterapeutas, entre outros. Nesses estudos prevaleceram, em relação às áreas de concentração, trabalhos relacionados a Atenção Básica, Saúde da Família, Saúde Mental, atendimento especializado as deficiências, síndromes e suas comorbidades, inserção do profissional de Educação Física em unidades de saúde; avaliação de programas de atividades físicas no SUS, pesquisas e relatos de experiência sobre a percepção da comunidade a respeito das equipes multidisciplinares, entre outros.

Apesar de não serem o foco desse estudo, por não serem aplicados nas escolas, após uma leitura para conhecimento, verificou-se que os resultados desses trabalhos apontam ser a atividade física importante nas equipes multidisciplinares, contudo, ainda centrada nos aspectos biomédicos, sendo sua atuação relacionado somente às aulas práticas de exercícios, palestras e consultorias, persistindo ainda problemas como a existência de outros profissionais que, embora não especializados em Educação Física, frequentemente ministravam os programas de atividades físicas.

Tabela 1: Síntese dos estudos da revisão sistemática sobre Educação em Saúde com ênfase em Educação Física nas escolas brasileiras no arco temporal de 2015 a 2019 .

Autor(es)\ ano	Instrumento\ METODOLOGIA	Equipe envolvida	Amostra	Objetivo	Resultados
1. Marinho e Silva (2015)	Entrevista semi estruturada\ observação de aulas qualitativo	Professores universitários na área de ciências biológicas	12 professores	Compreender as concepções e as implicações da aprendizagem no campo da Educação em Saúde no contexto dos anos iniciais	Para aprendizagem significativa: professores partam do conhecido e possibilitem a tomada de consciência das ações de saúde, para agir com autonomia.
2. Silva (2015)	Questionário (Pré-teste, Pós-teste) e entrevista semiestruturada pesquisação	Biólogo	61 alunos de duas escolas de Rio Claro, SP: uma estadual e uma particular, 02 dois professores de Biologia, sendo um de cada escola.	Contribuir para o ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) nas escolas de Ensino Médio	Os alunos da escola privada tinham mais conhecimento a respeito. Os da escola pública mostraram mais dificuldade sobre os sintomas das DSTs. Em ambas o conhecimento se mostrou genérico e superficial. Os professores de Biologia, de ambas ensinam sobre e o material didático contém os temas sexualidade e DST. Verificou-se um aumento da porcentagem de respostas

					corretas de ambas as escolas (Pós-teste).
3. Gonçalves e Dal-Farra (2015)	Observação participante qualitativa	Veterinária e Biologia; Ciências Biológicas e Pedagogia.	11 estudantes de uma turma de alfabetização de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública do Sul do Brasil	Utilizar o teatro como estratégia para a promoção da saúde a partir da educação libertadora de Paulo, do teatro do oprimido, de Augusto, e do teatro espontâneo, de Jacob Levy.	Necessidade de desenvolver ações de saúde articuladas com os aspectos sociais, com pesquisas que contribuam para a resolução de problemas a partir de um processo dialógico com a comunidade. A utilização do teatro espontâneo foi de elevada importância para compreender o “olhar do outro” e o sucesso das ações. Diante da baixa escolaridade, vulnerabilidade a doenças e reduzida qualidade de vida, urge práticas educativas que sensibilizem toda a população.
4. Barros e Colaço (2015)	Observação participante e grupos de discussão pesquisa intervenção	Alunos de Pós-Graduação em Psicologia	10 estudantes e 01 professor de uma escola pública de ensino fundamental localizada na periferia de Fortaleza.	Compreender o caráter mediador das interações de um grupo de discussão sobre saúde, realizado com adolescentes de uma escola pública de Fortaleza, nos posicionamentos acerca do tema <i>drogas</i>	Identificou-se reposicionamentos dos jovens em relação aos temas; o grupo de discussão foi útil para a criação de dispositivos de análise coletiva, compatibilizando o aprofundamento de informações com a problematização do cotidiano. Problematizou o que era concebido como <i>natural</i> , em saúde, dentro e fora da escola.
5. Viero, Farias, Ferraz, Martins e Ceretta (2015)	Questionários (pré/pós ação) longitudinal	Acadêmicas de Enfermagem	adolescentes de ambos os sexos, em idades entre 11 e 17 anos, cuja quantidade variou conforme o tema: 108 (saúde bucal), 105 (prevenção-drogas), 99 (sexualidade)	Analisar a aquisição de conhecimentos sobre os temas: Saúde Bucal, Prevenção ao uso de Drogas e Sexualidade, realizado com adolescentes matriculados na rede pública de ensino do Sul de SC	Positivos quanto ao aumento de conhecimento dos adolescentes nas temáticas sobre prevenção de drogas e sexualidade; Na temática saúde bucal, não houve melhora.
6. Marinho, Silva e Ferreira. (2015)	Entrevista semiestruturada qualitativa	Professores universitários na área de ciências biológicas	12 professoras dos anos iniciais do ensino	Refletir sobre a transversalidade, ilustrando a discussão com uma análise nos	Um dos fatores para se concretizar a transversalidade nas práticas da saúde é o fato dela ser pensada para além do modelo biomédico e

			fundamental de duas escolas públicas da rede municipal de ensino da cidade do Rio Grande, RS/Brasil	PCN do tema transversal “saúde” nos anos iniciais do ensino fundamental (primeiro e segundo ciclos)	aproximar-se das formas vigentes no sistema atual, que vislumbra uma Educação Permanente em Saúde.
7. Castanha, Maia, Santos; Gonçalves e Silva (2017)	Questionário aberto qualitativa	Enfermeiras e Professoras de enfermagem	13 professores de uma escola pública do interior paulista	Identificar os conceitos de saúde e de educação em saúde dos professores do Ensino Fundamental e sua inserção nas disciplinas lecionadas	Saúde aparece fortemente relacionada à atividade física, alimentação e ao bem-estar. Os professores pouco relacionam saúde às suas disciplinas, e quando relacionam é de modo informal e sem planejamento. A concepção e aplicação da saúde na escola mostra-se precária; importante discutir caminhos para o melhor desenvolvimento dessa tarefa.
8. Pinto, Claumann, Klen, Marquez, Silva e Pelegrini (2019)	Medidas de massa corporal e estatura, perímetro da cintura e dobras cutâneas das regiões do tríceps e subescapular. Teste <i>Kruskal-Wallis</i> transversal	Professor de Faculdade Uninassau ; Acadêmicos; Coordenadora pedagógica ;Analista de Laboratório de Medicina e Saúde	818 adolescentes (375 rapazes e 443 moças) com média de idade de 16,3±1,0 anos, estudantes do ensino médio de escolas públicas estaduais do município de São José-SC	Comparar os indicadores antropométricos de obesidade em adolescentes, considerando formas de deslocamento para a escola	Os adolescentes que se deslocavam ativamente para a escola apresentaram menores medidas de perímetro da cintura (p= 0,034). Entre os sexos, as menores medidas do somatório de dobras cutâneas e perímetro da cintura foram observadas, respectivamente, entre rapazes (p= 0,043) e moças (p= 0,009) que se deslocavam de maneira ativa para a escola
9. Silva, Rosoni e Santos (2018)	Questionário, estatística descritiva e análise de conteúdo quali\ quantitativa	Odontólogas	09 professor es do 1° ao 6° ano de uma escola da rede pública	Analisar como as práticas educativas em saúde bucal são desenvolvidas por professores do 1° ao 6° ano de uma escola da rede pública	Os professores disseram abordar temas de saúde em suas aulas e 78% relataram desenvolver assuntos relacionados à saúde bucal
10. Beserra, Sousa, Cardoso (2017)	Oficina educativa pesquisa-ação	Professoras em curso de enfermagem	25 adolescentes uma escola	Analisar a percepção de adolescentes	Vulnerabilidade dos adolescentes para gravidez precoce e DSTs, apesar de possuírem conhecimento prévi

			de Fortaleza (CE)	acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”	o sobre práticas sexuais seguras, expõem-se a situações de risco.
11. Mesquita, Albuquerque, Bonfim, Sales, Santana e Ferreira (2017)	Questionário estruturado, aula expositiva e aula com recurso didático quantitativa	Enfermeiras e Professoras em curso de enfermagem	46 alunos do Ensino fundamental de uma escola pública de Maceió	avaliar a efetividade de uma estratégia de ensino e aprendizagem baseada em um recurso educativo para identificação de procedimentos de primeiros socorros	a turma que utilizou o recurso educativo obteve maior número de acertos (87%) em relação a turma que utilizou apenas aula expositiva (37%)
12. Siqueira, Azevedo Almeida, Matos, Rodrigues, Scarabeli, Piloto, Freitas, Barbosa, Matos, Bastos e Uchôa (2016)	Questionário estruturado transversal descritivo quantitativo	Enfermeiros e Professores em curso de enfermagem	335 estudantes e 62 profissionais de 07 escolas Municipais de Niterói (RJ)	Averiguar os conhecimentos de estudantes do 3º ao 7º ano do Ensino Fundamental e dos funcionários de sete escolas Municipais de Niterói (RJ) sobre as enteroparasitoses e sua prevenção	Conhecimento mediano sobre habitat (47,5%), prevenção (48,4%) e sintomatologia (45,1%). 43,3% conhecimento inadequado sobre transmissão; 51,6% fizeram associação de verminose com vermes e; 27% demonstraram conhecimento inadequado de protozoários. Os 62 profissionais: conhecimento adequado sobre definição, exemplos, habitat, transmissão, sintomatologia e prevenção.
13. Chagas (2015)	Questionário <i>Physical Activity Questionnaire for Older Children</i> , o teste de coordenação motora <i>Körperkoordinationsstest für Kinder</i> e um aplicômetro clínico Coeficientes de Correlação de Pearson teste de Análise de Covariância Multivariada (MANCOVA) transversal	Professor Adjunto do Instituto de Educação Física e Desportos	119 crianças	Analisar o inter-relacionamento entre os níveis de coordenação motora, adiposidade e atividade física de crianças entre 12 e 14 anos de idade.	As associações dos níveis de coordenação motora com os níveis de adiposidade corporal e atividade física podem sofrer alterações de acordo com as covariáveis consideradas nas análises em meninos, mas não em meninas. A constatação pode estar relacionada aos baixos níveis de atividade física apresentados por elas.

14. Silva, Mendonça, Bastos e Leite (2017)	Questionário subjetivo padronizado transversal	Acadêmicas e professoras de Educação Física	215 estudantes do 1º ano do Ensino Médio do IFGO	Investigar o nível de entendimento de escolares do 1ª ano do Ensino Médio do Instituto Federal Goiano Campus Ceres, com idades entre 14 a 19 anos, acerca do conceito de saúde e de hábitos saudáveis	53% saúde boa e nenhuma doença; 69% ter saúde é estar bem; enquanto para 31% é bem estar físico e mental. Aspectos prejudiciais à saúde mais relatados: para 42% a má alimentação e a falta de exercícios. Atitudes em busca da melhoria: 26% prática regular de exercícios; 35% praticar exercícios ou esportes e 24% associam a boa alimentação com exercícios. 35% não se alimentam corretamente e não praticam nenhum tipo de exercício. Familiares: 33% creem que estes sabem cuidar de sua saúde.
15. Oliveira (2017)	Grupo pesquisador sócio poético	Educador ⁷ Físico	12 crianças do ensino fundamental, realizado numa escola municipal do Rio de Janeiro	Propiciar a experimentação artística nos espaços de Educação Física escolar na direção do fomento da saúde	A arte e a inventividade são elementos imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem, e que a estreita relação docente-discente, intermediada pelo diálogo: transformadora. Como produto propôs um dispositivo artístico intitulado Parangolé Filosófico, que trata da apresentação de produtos de experimentações estéticas promovidas por docentes do ensino fundamental.
16. Saraiva e Lopes (2019)	KTK, constituído pelos testes de coordenação motora (CM): <i>equilíbrio à retaguarda, saltos laterais, saltos monopedais e transferências laterais</i> , enquanto para a aptidão física (ApF) foi aplicada a bateria do FITNESSGRAM.	Universidade do Minho, Univ. Do Porto	738 crianças (400 meninos), provenientes dos 21 estabelecimentos de ensino fundamental da rede pública de uma cidade do norte de Portugal.	Analisar o nível de CM e de ApF, assim como a relação entre estas variáveis, em crianças dos 9 aos 14 anos.	Associação positiva entre estas variáveis (B=2,697, 95%IC: 2,367- 3,026, p< 0,001), tendo as crianças com melhor CM apresentado um nível de ApF também elevado.

⁷ Na concepção do presente estudo não adotamos a expressão educador físico: entendemos que seja profissional/professor de educação física o termo correto, haja vista que não se educa o físico – há um sujeito “atrás/dentro” emanado deste físico. Mantivemos o termo em respeito aos autores.

	quasi-experimental				
17. Soares, Cavalcante, Zarife e Fraga-Maia (2018)	Regressão logística multivariada, não-condicional, hierarquizada quantitativo transversal	Professoras e acadêmicos da Faculdade de , Fisioterapeuta, Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional	162 escolares matriculados na rede pública do Ensino Fundamental I, residentes no Distrito Sanitário Cabula Beiru (DSCB), em Salvador, Bahia.	Investigar hábitos alimentares inadequados e fatores de risco cardiovascular associados à Hipertensão Arterial Sistêmica em escolares de 7 a 14 anos domiciliados no Cabula/Beiru em Salvador\ Bahia\Brasil	A prevalência de hipertensão arterial entre os escolares foi estimada em 23,0% e o excesso de peso (OR=4,08; IC95% 1,75– 9,55), assim como a inatividade física (< 300 min/semana) (OR=5,69; IC95% 1,56 – 20,69), consumo inadequado de doces (OR=2,65; IC95%: 1,01 – 7,00) e de refrigerantes (OR=3,61; IC95%: 1,28 – 10,13) foram os fatores associados com pressão arterial elevada. (atenção para a faixa etária com PA elevada)
18. Costa, Araújo, Araújo e Moreira-Araújo (2015)	Avaliação antropométrica, Índice de Massa Corporal – IMC Questionário; quantitativo transversal descritivo	Acadêmicos de Educação Física e Professora em ciências da saúde	403 pré-escolares, matriculados em escola da rede privada de Teresina (PI).	Conhecer a prevalência do excesso de peso e obesidade em pré-escolares em escola da rede privada de ensino de Teresina-PI e sua relação com a prática de atividade física	60,1% dentro dos padrões normais e 1,2% com magreza. O risco de excesso de peso em 20,8% e excesso de peso em 5,2% e obesidade em 12,7%. Forte correlação entre os pré-escolares com menor tempo de atividade física semanal e o risco de excesso de peso (0,879), excesso de peso (0,734) e obesidade (0,712), apresentando significância estatística (p = 0,001).
19. Wilberst aed, Vieira e Silva (2016)	Grupo focal e entrevista semiestruturada qualitativa	Professora da rede estadual e alunas de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho	16 docentes da rede estadual de ensino	Conhecer as concepções sobre saúde, doença, qualidade de vida e temas afins de docentes de uma escola pública de Florianópolis, Santa Catarina,	As concepções dos docentes reafirmam que a dimensão social sobressai à biológica e que o conhecimento e a valorização desses aspectos, na prática docente, podem ampliar as ações em saúde.
20. Oliveira (2017)	Formulário online Telematizada qualitativa	Professora na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana	481 jovens cariocas	Descrever traços significativos da relação dos jovens com as tecnologias digitais, prioritariamente com a internet.	Adolescentes que dimensionam o tempo de uma forma nova. “Geração touch”, sempre conectados à internet, que evoluiu da interação para a integração. Cumprir à educação saber lidar e às instituições que formam professores prepará-los para esse desafio que é educá-la.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE À ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Em relação as categorias analíticas definidas, no que se refere a concepções que os professores da educação básica têm em relação a saúde na escola, em Castanha *et al* (2017) os resultados apontam que estes pouco relacionam saúde às suas disciplinas, e quando relacionam é de modo informal e sem planejamento. O conceito de saúde tem como ênfase o corpo, fortemente relacionado à atividade física, alimentação e ao bem estar, em detrimento de uma compreensão global de saúde, denotando uma concepção higienista.

Em Wilberstaed, Vieira e Silva (2016) as concepções docentes apontam que a dimensão social deveria se sobressair à biológica e que o conhecimento juntamente à uma maior valorização desses aspectos, na prática docente, podem ampliar as ações em saúde; com o que concordamos e nos faz ampliar a nossa própria visão para a pesquisa que gerará a continuidade por meio de uma investigação empírica no âmbito do *Stricto Sensu*.

Mas Silva (2015) denota que, mesmo que os professores contemplem o tema saúde em suas aulas, o diálogo entre a escola para com o planejamento desse conteúdo ainda é deficitário,

pois não está havendo uma aprendizagem esperada; o que também é visto na pesquisa de Marinho e Silva (2015) que afirma não adiantar tratar-se de novas temáticas com velhos procedimentos, pois perderia o caráter de inovação atribuído a saúde na educação.

Nesse sentido, Marinho, Silva e Ferreira (2015), fazem interessantes observações sobre a transversalidade posta ao tema saúde nos PCNs, e que atualmente é reforçado na BNCC, fazendo com que a educação em saúde se manifeste como algo na periferia do currículo e, isso ocorre em função da consolidação disciplinar do currículo escolar, que ousamos chamar de engessamento e a conseqüente formação também disciplinar dos professores, o que dificultaria o pensamento e a ação inter e/ou transdisciplinar.

Assim, Marinho e Silva (2015) sugerem que, para uma aprendizagem significativa em educação e saúde, é necessário que os professores partam do conhecimento prévio dos alunos. Referindo-se também a percepção dos estudantes em relação a educação em saúde, Wilberstaed, Vieira e Silva (2016), apontam que os estudantes percebem uma estreita relação entre saúde e qualidade de vida. Silva *et al* (2017) concluíram que os adolescentes entendem o conceito tradicional de saúde e o que ele representa, afirmando o bem-estar físico e mental, o que pode refletir possivelmente em uma fase adulta com a

adoção de um estilo de vida ativo e saudável; muito embora cremos que é necessário a adoção precoce e vivencial de bons hábitos na fase da formação da criança e do jovem adulto, para que se construa uma boa base para manutenção de práticas no futuro; e não apenas entendimento racional/cognitivo de conceitos; o que por si só, não garantirá mudança de hábitos futuros.

Ainda sobre o mesmo tema, Mesquita *et al* (2017), apontaram que os resultados foram mais efetivos em relação a aquisição de conhecimentos sobre saúde quando foram utilizadas práticas pedagógicas que envolviam jogos, teatro e atividades lúdicas; o que concorda com Marinho e Silva (2015), supracitado, ao afirmar “não adianta tratar-se de novas temáticas com velhos procedimentos”. Em Pedrosa, Costa, Citó, Luna e Pinheiro (2015) os resultados também apontam a arte como método eficiente: os conteúdos expressos nos desenhos e na música promoveu uma maior interação e participação.

Ainda sobre procedimentos metodológicos nas aulas, na pesquisa de Viero *et al* (2015) os resultados mostram que nas temáticas onde se usou atividades práticas os desempenhos foram mais positivos. Oliveira (2017) também defende que a utilização de atividades criativas, como o teatro, na EF é capaz de potencializar o incremento da saúde escolar, e a arte e a inventividade, como elementos imprescindíveis

para estreitar a relação professor/aluno; o que concorda, portanto, com Viero *et al* (2015), Oliveira (2017), Marinho e Silva (2015) e Mesquita *et al* (2017) acerca de novos procedimentos metodológicos que fujam da mera exposição aos conteúdos disciplinares; sobre isso Chassot (2016) chama a atenção para a emergente temática da (in)disciplina, propondo uma revolução paradigmática curricular nas escolas, apontada como um novo paradigma – a desmontagem dos currículos em disciplinas fragmentadas.

Nos estudos que tratam de temas específicos como sexualidade, drogas, álcool, DST's, entre outros, observa-se que os estudantes, como na pesquisa de Beserra, Sousa e Cardoso (2017), apesar de possuírem conhecimento prévio sobre práticas sexuais seguras, expõem-se a situações de risco; em Silva (2015), demonstraram conhecimentos genéricos e superficiais sobre os sintomas das DSTs. Barros e Colaço (2015) dizem que as tensões proibitivas da família e da escola influenciam a aquisição dos conceitos e que as vozes dos estudantes não são ouvidas. Silva *et al* (2015) mostraram que apesar de serem temas corriqueiros ainda se faz necessário enfatizar ações de promoção à saúde sexual visando minimizar os problemas que mais ocorrem nessa fase da vida; a partir de estratégias que promovam não apenas aquisição de conhecimento, mas,

sobretudo atividades de reflexão em busca da sensibilização sobre os hábitos de saúde; aqui se observa novamente o afastamento intencional da mera exposição aos conteúdos, enquanto metodologia de ensino, ou seja, a emergente necessidade de mudança\inovação metodológica conforme já mencionada pela maioria dos autores encontrados nesta RS; e também na direção conceitual proposta por Chassot (2016), na já citada revolução da *Indisciplina*; reflexão que nos remete também ao mestre Paulo Freire (1987) nos seus círculos de cultura, na ação-reflexão-ação do educador, inspiradores das rodas de conversa atuais, enquanto metodologias horizontais que quebram o demasiado autoritarismo pedagógico da escola verticalmente hierarquizada.

Outros temas importantes na formação dos conceitos sobre saúde para os estudantes foram abordados por Silva (2015) cujos resultados indicaram que os alunos de uma escola particular tinham mais conhecimento a respeito do tema DSTs do que os da escola pública. Nesse sentido, Siqueira *et al* (2016) apontam que nível insatisfatório de informações sobre as enteroparasitoses, aliados ao baixo nível

socioeconômico, educacional e insuficiência de saneamento básico, têm sido apontados como fatores de risco para a aquisição dessas infecções. Silva, et al (2017) aponta que a saúde, além de alinhada ao desenvolvimento social e econômico, é também uma das dimensões da qualidade de vida e que estes adolescentes têm um entendimento de que saúde está relacionada ao modo de viver. Para Gonçalves e Dal-Farra (2015) ante a associação entre baixa escolaridade, vulnerabilidade a doenças e reduzida qualidade de vida, faz-se necessário a construção de práticas educativas que sensibilizem toda a população. Portanto todos os quatro grupos de autores citados neste item conceitos sobre saúde, concordam com uma visão mais holística e aplicada de saúde que envolve conhecimento, atitudes e procedimentos práticos diários e que saúde tem que ser entendida em âmbito biopsicossocial enquanto políticas públicas e tomadas concientes de decisão, sobretudo àquelas de natureza preventivas.

Ainda em se tratando da percepção dos estudantes, Oliveira (2017) alerta sobre os fatores tecnológicos que tem influenciado fortemente os hábitos e a saúde dos estudantes⁸, concluindo que

⁸ O novo DSM (DSM-V, 2014) inclui também o vício digital- em eletrônicos. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS – ONU, 2018) anunciou na décima primeira versão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), a inclusão do vício em jogos de videogame como transtorno mental. Sobre o vício em smartphone: ocorre o acionamento do SRC – Sistema de

Recompensa do Cérebro – efeito dopaminérgico (neurotransmissor dopamina) que alimenta vícios, quaisquer que sejam - pornografia, chocolate, açúcar, compras, drogas lícitas e ilícitas. “É fato que, quando nosso corpo vivencia experiências agradáveis, libera neurotransmissores como a dopamina, responsável pelas sensações de prazer e motivação (DAMÁSIO, 2012). Na

estes, dimensionam o tempo de uma forma nova; e quanto ao uso excessivo de celulares, justificam à fuga da realidade, o isolamento da vida social e a efeitos cognitivos, como a diminuição da leitura e a pouca confiabilidade na internet como fonte de pesquisa; neste âmbito acrescentamos o perigo da super exposição às telas e sobretudo aos conteúdos inadequados como pornografia, por exemplo e superestimulação do consumo e vícios alimentares, sendo que este último será tratado a seguir. Nesse sentido, Silva *et al* (2017) ressaltam que os meios de comunicação social produzem e um discurso sobre e para o corpo, que reflete na percepção do quanto os hábitos comportamentais e sociais no período da adolescência podem ser influenciados. Saraiva e Lopes (2019) apontam que, atualmente, as crianças optam por atividades mais sedentárias, resultando em um comprometimento do desenvolvimento neuromuscular, musculoesquelético e cardiorrespiratório, provocando doenças cardiovasculares, diabetes tipo II, hipertensão, acidentes vasculares cerebrais, entre outras

comorbidades, que deles decorrem; a cada dia manifestadas em mais tenras idades.

Silva, Rosoni e Santos (2018) apontam a aproximação entre equipes de Estratégia de Saúde da Família e as escolas para identificar a qualidade das propostas aos estudantes. Apontam que é essencial trabalhar a saúde na escola de forma problematizada para que os cuidados tornem-se uma prática cotidiana.

Nesse contexto, entende-se que a EF, enquanto componente curricular, deveria assumir o tema saúde como um conteúdo essencial no desenvolvimento de suas aulas para que possam reformular-se na escola e na formação dos estudantes e não apenas a escola a aguardar que outros profissionais adentrem-na, por este espaço que está desocupado. Esta discussão se insere na continuidade desta investigação quando devemos, baseado nesta RS e nos autores clássicos da EF e de currículo, propor uma formação continuada para professores da área na busca de uma nova e emergente atuação com e na saúde escolar; de forma disciplinar, inter e transdisciplinar,

condição neurobiológica humana existe o sistema de recompensa cerebral (SRC), cuja função é estimular comportamentos que colaboram com a manutenção da vida, a exemplo do sexo, da alimentação e da proteção (HERCULANO-HOUZEL, 2005) afirma que a ativação do sistema de recompensa é um processo que faz com que o sujeito queira mais que tudo o que foi bom ou que pode ser. Conhecer o funcionamento do SRC do adolescente, que afeta as preferências e desejos decorrentes dos efeitos da dopamina, favorece a compreensão, por parte de pais e

educadores, de vários comportamentos observados. O alerta quanto ao uso do *smartphone* é em relação ao excesso, observação importante para pais e educadores.” (LIMA *et al*, 2019 –artigo *on line* da Revista Educação Pública da UERJ).

apontando novos conteúdos, objetivos e procedimentos respectivos.

Em se tratando dos trabalhos na área da EF, observou-se que todos os analisados optaram por pesquisas quantitativas ou transversais, a partir de modelos com padrões específicos, que vai um pouco na contramão das críticas à definição clássica de saúde da OMS, já apresentada. Considerando o conceito de saúde no qual nos baseamos, as pesquisas também deveriam envolver o sujeito como um todo, as questões sociais, políticas, econômicas e culturais, para termos dados mais específicos das reais condições de saúde. Com o que corroboram Silva *et al* (2017) ao salientar que a EF, em todas as modalidades, busca promover ações positivas para uma vez que exercitar-se não se limita exclusiva e individualmente à prevenção de doenças, à promoção de bem-estar como mercadoria, mas sim como um processo integral, um olhar centrado em todas as dimensões do sujeito; apontando novamente para a mesma direção tomada por nós na investigação para o Mestrado em Ensino.

Nesse contexto, Chagas (2015) afirma que a avaliação da coordenação motora em crianças é

de extrema importância para o acompanhamento do status de saúde desses sujeitos. Relata, em seu estudo que há associação significativa entre os níveis de coordenação motora e outros atributos relacionados à saúde: os níveis de adiposidade corporal e atividade física e a influência recíproca que essas variáveis exercem entre si. Saraiva e Lopes (2019) reforçam dizendo que, ao desfrutarem do sucesso, as crianças sentem-se motivadas para continuar a melhorar o seu desempenho e aumentar a intensidade da prática de atividades físicas, criando assim as bases fisiológicas para o seu desenvolvimento e assim a tornar-se adolescentes mais ativos.

Sobre isto Soares et al (2018) concluíram que há pouca atenção dirigida para a população mais jovem, que, tal como os adultos, está insuficientemente ativa e com hábitos inadequados de alimentação⁹ gerando grande potencial de risco para o aparecimento de hipertensão arterial precoce e de doenças cardiovasculares. Fatores de risco como sobrepeso ou obesidade, reforçam a necessidade de adoção de estratégias para o controle do peso e estímulo à prática regular de atividade física nas escolas, bem

⁹ Neste âmbito recomenda-se a o vídeo documentário **Muito além do Peso** (Way Beyond Weight, 2012 de Maria Farinha Filmes) que trata de: Obesidade, a maior epidemia infantil da história (Direção Estela Renner) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GiHCT4>; e **Tarja Branca** um vídeo documentário de Cacau Rhoden (2014 – Maria Farinha Filmes) Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dadvMzBqIdI> e **Nunca me Sonharam** (Cacau Rhoden, 2017 – Maria Farinha Filmes), sendo que este último fala da importância da escola na sociedade atual. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KB-GVV68U5s>

como ações de educação em saúde no Ensino Fundamental como um todo; para isto em nossa investigação maior no *Stricto Sensu* que engloba esta RS, vamos inserir o professor de EF como um profissional ideal para promover esta integração de ações em sua (in) disciplina (CHASSOT, 2016) com seus pares de outras áreas na escola.

Nesse mesmo cenário corroboram Pinto *et al* (2019) que a atividade física insuficiente e a obesidade são potenciais fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis e as aulas de EF são uma excelente oportunidade para promover conhecimentos a respeito do tema. Também é necessário o desenvolvimento de políticas públicas que promovam melhorias na qualidade das vias de trânsito e nas escolas, para estimular o uso da bicicleta como forma de deslocamento dos estudantes. Mais esta consideração de Pinto *et al* (2019) mostra o caráter sistêmico da vida e da saúde.

Nessa mesma direção, Costa *et al* (2015) dizem que a obesidade é uma doença, determinada por fatores genéticos, comportamentais, ambientais e culturais e em dados alarmantes, tornou-se um problema de saúde pública; no filme recomendado no rodapé 7 – Muito Além do Peso (*Way Beyond Weight* de Estela Renner, 2012) – mostra-se a obesidade como a maior pandemia infantil da história (dados de 2012, que se agravaram em 2020). Crianças obesas podem se

tornar adultos obesos, com desordens metabólicas, comorbidades e comprometimento do crescimento e desenvolvimento, do rendimento escolar e autoestima, sono, relacionamentos afetivos, gerando um alto custo de investimento em saúde pública; ao invés da prevenção que seria mais econômico. A correlação com excesso de peso e obesidade, mostra que a atividade física está associada a desfechos positivos para a saúde.

Concernente ao referencial teórico relativo a educação em saúde na escola, constatou-se que, ainda há, no campo do ensino da EF, pouca penetração deste novo paradigma. Isso evidencia que, há ainda, muito a ser explorado e investigado, considerando a falta de literatura e a escassez de pesquisas na área.

A partir dessas contribuições, percebe-se que a educação em saúde deveria estar presente em todas as práticas e rotinas escolares por serem experiências contínuas de ensino e de aprendizagem – recomendavelmente transdisciplinares - e que podem influenciar nas escolhas a serem tomadas ao longo da vida dos sujeitos, para diminuir, manter ou elevar a sua saúde.

Entretando, as questões de saúde ainda são vistas como atribuição apenas de profissionais da saúde e a educação ainda é vista como atribuição somente da escola, sendo importante discutir caminhos para integrar as ações de ambas.

Apesar de, os documentos base da educação, já normatizarem a educação em saúde como um tema a ser trabalhado nos currículos escolares, esse tema ainda é tratado em segundo plano e só trabalhado no caso da eventualidade de doenças, enfocando um caráter assistencialista, priorizando o individual e a doença, em detrimento da coletividade e da prevenção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o alcance da promoção da saúde é preciso realizar educação em saúde na escola, a partir de um conceito mais amplo de saúde que englobe a integralidade humana e considere todos os aspectos que interferem na vida das pessoas.

Os estudos analisados relatam a importância da EF tanto quanto componente das equipes multidisciplinares, como enquanto componente curricular para a efetivação dos conceitos e da função da educação em saúde. Entretanto, também levam a refletir sobre a concepção sob a qual essa área vem sendo tratada, denotando um significado biologicista, em detrimento de uma compreensão global de saúde.

Cumpra também a escola atual formar professores mais preparados para compreender o sujeito\cérebro adolescente e da criança e assim vencer o grande desafio de educar a geração *touch*.

Para efetivação da educação em saúde na escola, é preciso que os profissionais envolvidos

no processo educativo não sejam apenas divulgadores de informação, mas sim, levem os estudantes e a comunidade a refletirem a respeito do seu modo de vida e os seus contextos, para identificar e mobilizar os recursos disponíveis para se manterem saudáveis, assim, sugere-se formações continuadas específicas que incluam temas como práticas em alimentação saudável, conhecimento das implicações do uso de substâncias nocivas, sono inadequado e insuficiente, vício em eletrônicos, conhecimento do funcionamento prático\cotidiano do cérebro da criança e do adolescente, entre outros. Para que os professores de EF contribuam mais efetivamente na formação de estudantes críticos e saudáveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, J. P. P.; COLACO, V.F.R. Drogas na Escola: análise das vozes sociais em jogo. **Educ. Real.** [online], v.40, n.1, p.253-273, 2015.

BESERRA, E.P.; SOUSA L.B.; CARDOSO V.P.; et al. Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”. **Rev Fund Care Online**; v.9, n.2, p.340-346, abril/jun 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria número 154 de 24 de janeiro 2008. **Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2022 Volume: 14 Número: 2

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Acesso>
em 19 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 719, de 7 de abril de 2011. **Institui o Programa Academia da Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde**. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2011.

BEZERRA Jr. B. **A História da Psicopatologia**. Palestra Instituto CPFL. 2102. Disponível em; <https://vimeo.com/64902343> Acesso em: abr. 2020.

CASTANHA, V.; SILVA, L.A.M.; MAIA, L.S.; ANDRADE, L.S.; SILVA, M.A.I.; GONÇALVES, M. F. C. Concepções de saúde e educação em saúde: um estudo com professores do ensino fundamental. **Rev Enferm**. UERJ, Rio de Janeiro; v. 25 n. 12394.p. 1-6, 2017.

CASTRO, A.A. **Curso de revisão sistemática e metanálise**. São Paulo: LED-DIS/UNIFESP, 2001.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 6ed. (Tradução: Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas). Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 2009.

CASTRO, A.A. **Revisão sistemática com ou sem metanálise**. São Paulo: AAC, 2001.

CHASSOT, Á. **Das disciplinas à Indisciplina**. 1ed. Curitiba: Appris, 2016.

COSTA, MJM; ARAÚJO, MLLM; ARAÚJO, MAM; MOREIRA-ARAÚJO, RSR. Excesso de peso e obesidade em pré-escolares e a prática de atividade física. **R. bras. Ci. e Mov**, v.23, n.3, p. 70-80, 2015.

DAMÁSIO, A. R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DONNANGELO, C. **Saúde e sociedade**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 10-14, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ed. São Paulo/SP: Atlas; 1999.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O Cérebro em Transformação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LAMB, PP. **O papel do profissional de Educação Física na saúde pública**. (Monografia de Especialização). Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LEITÃO, José Carlos; FERNANDES, Cleonice Terezinha. Inclusão escolar de sujeitos com deficiência visual na rede regular de ensino brasileira: revisão sistemática. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 273-289, maio/ago. 2011.

MARINHO, J.C.B.; SILVA, J. A. Concepções e implicações da aprendizagem no campo da educação em saúde. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc**. (Belo Horizonte) [online]. v.17, n.2, p.351-371. 2015.

_____, J.C.; SILVA, J.A.; FERREIRA, M. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **História**,

Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun., p.429-443. 2015.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo (SP): Atlas; 2003.

MESQUITA, T.M. ; ALBUQUERQUE, R.S. ; BOMFIM, A.M.A.; FERREIRA, A.M.V.; SALES, M.L.; SANTANA, M.C.; FERREIRA, A.M.V. Recurso educativo em primeiros socorros no processo ensino-aprendizagem em crianças de uma escola pública. **Rev. Ciênc. Plur** ; v.3, n.1, p. 35-50, 2017.

OLIVEIRA, G., SILVA E. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. **Educar em Revista**, n. 64, abril-junho, p. 283-298, 2017.

OLIVEIRA, F.A. **O Educador Físico e o Parangolé como Dispositivo Inventivo para a Promoção da Saúde do Escolar: Estudo Sociopoético**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

PINTO, A.A., CLAUMANN, G.S., KLEN, J.A., MARQUEZ, G., SILVA, D.A.S, PELEGRINI, A. Deslocamento ativo para a escola e indicadores antropométricos de obesidade em adolescentes. **R. bras. Ci. e Mov**, v.27, n.1, p. 90-98, 2019.

SARAIVA J.P., LOPES L.C. Relação entre a coordenação motora e a aptidão física em crianças dos 9 aos 14 anos. **R. bras. Ci. e Mov**; v.27,n.1, p. 141-149, 2019.

SEGRE, M.; FERRAZ, F.C. O conceito de Saúde. **Rev. Saúde Pública** v. 31 n. 5, São Paulo Out. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016 Acesso em: abr. 2020.

SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educ. rev.** [online]. n.57, p. 221-238, 2015.

SILVA, A. H.; ROSSONI, E.; SANTOS, U. E. L. Práticas educativas em saúde bucal em uma escola de ensino fundamental de Sapucaia do Sul. **Periodontia** v. 8, n.2, p. 7-13, 2018.

SILVA, J.S.; MENDONÇA, W.F.; BASTOS L.L.A.G.; LEITE, S.T. O conceito de saúde e de hábitos saudáveis em dolescentes escolares. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 4, p. 808-821, out./dez. 2017.

SIQUEIRA, M.P.; AZEVEDO, E.P.; ALMEIDA, E.M.; MATOS J.S.; RODRIGUES, R.A.; SCARABELLI, S.C., et al. Conhecimentos de escolares e funcionários da Rede Pública de Ensino sobre as parasitoses intestinais. **Rev Inst Adolfo Lutz.**, v. 75 (único), p.1-12, 2016.

SOARES R., TOSTA L.S., CAVALCANTE, L.R., ZARIFE, A.S.A., BRITO, L.L., FRAGA-MAIA, H. Fatores de risco cardiovascular associados à hipertensão arterial sistêmica em escolares. **Rev Pesq Fisio.** v.8, n.4, p.478-488, 2018.

VIERO, V.S.F.; FARIAS, J.M.; FERRAZ, F.; SIMÕES, P.W.; MARTINS, J.A.; L.B.. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Anna Nery**; v. 19, n. 3, p. 484 – 490, 2015.

VILHENA. M.M.; ALVES, O.O. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 39-46, ago./dez. 2007.

WILBERSTAEDT, I.O.S.; VIEIRA, M.G.M.; SILVA, Y.F. Saúde e qualidade de vida: discursos de docentes no cotidiano de uma escola pública de Santa Catarina. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 14, n. 1, p. 219-238, 2016.